

Refugiados do Leste alemão (1944-1945)

Refugees from East Germany (1944-1945)

Sylvia Ewel Lenz

UEL

sylviaelenz@gmail.com

Resumo: Apresento a história de quinze milhões de alemães fugidos do Exército Vermelho ao final da 2ª. Guerra Mundial e, expulsos por milícias polonesas e tchecas a partir da derrota alemã. Em geral mulheres, idosos e crianças rumavam com seus poucos pertences, a pé ou em carroças. A vitória do bolchevismo contra o fascismo, por outro, legitimado pelo Tratado de Yalta, o saque da propriedade de lojistas, fabricantes, *junkers* - mesmo camponeses, operários ou artífices não foram poupados. Deixavam para trás a sua *Heimat* - passado, terra e trabalho, aldeias e cidades construídas por várias gerações ao longo de séculos.

Palavras-chave: Refugiados; expulsos; saques; estupros

Abstract: Herewith I present fifteen millions of Germans flying from the Red Army at the end of World War II and expelled by Pole and Tzech militias after the German defeat. Generally women, elderly and children walked with their stuff carried on carriages. The victory of Bolshevism against fascism legitimated by the Yalta Treat, justified the robbery of shopkeepers, fabricants, junkers and even peasants, artisans and workers. Under much violence, robbery and rape they left their Heimat behind - past, land and work, villages and cities many generations have built along centuries.

Keywords: Refugees; expelled; plunder; rapes

Apresentação

Na verdade, diz ele, sua geração tinha a obrigação de registrar o sofrimento dos fugitivos da Prússia Oriental: os êxodos no inverno em direção oeste, a morte em dunas de neve, a agonia abjeta na beira da estrada e em buracos de gelo, assim que a baía congelada de Frisches Haff começou a se partir devido aos bombardeios e sob o peso das carroças puxados por cavalos, e apesar disso cada vez mais pessoas da cidade de Heiligenbeil, temendo a vingança dos russos, seguiam por extensões nevadas sem fim... Fuga... A morte branca... Nunca, afirma ele, devíamos ter nos calado sobre tanto sofrimento, deixando esse tema proibido para as pessoas envolvidas com a direita, só porque nossa própria culpa era indiscutível e a confissão de arrependimento ficou em primeiro plano em todos aqueles anos. Uma omissão imperdoável...

Günther Grass

O início da derrota da Wehrmacht na 2ª. Guerra Mundial começou no norte da África, em 1942, com a captura do exército *Freikorps* pelos britânicos. A seguir, com Stalingrado reconquistada, o Exército Soviético rumou para o flanco ocidental e retomou território

ocupado pelos alemães até Varsóvia. Em vez de seguir para Berlim, dirigiu-se para o norte e invadiu os países bálticos. Depois rumou para o sudeste, destronou governos títeres da Bulgária e Romênia e cortou o fornecimento de petróleo deste país com a Alemanha. Subiu rumo à conquista de Budapeste, Viena e Praga e então, Berlim. Esta ocupação garantiu à URSS a bolchevização e o domínio sobre os países do leste europeu.

Já no outono de 1944, milhões de alemães – *junkers* ou camponeses, operários ou artífices, burgueses ou empresários, prisioneiros de guerra, acuados pelo Exército Vermelho, rumavam para o oeste. Mas somente após autorização das autoridades nazistas, que em geral fugiam antes, em comboios motorizados e nas rodovias, enquanto os civis deveriam seguir por estradas vicinais. A fuga e expulsão dos alemães marcou o fim de sua presença em terras do leste austro-alemão em função da nova configuração da Europa Central retaliada entre aliados ocidentais e soviéticos.

Apesar de ser a maior emigração forçada em um período de nem três anos, o destino de quinze milhões (dos quais faleceram cerca de dois milhões) sequer consta em obras afins. Somente após o fim do Império Soviético é que alguns autores mencionam este drama humano, tais como Judt, Macdonough, Bessel, porém, até a Reunificação Alemã era um tema marginal, restrito às associações de refugiados. Também a questão dos estupros em massa que virou tabu em ambas as Alemanhas - Ocidental porque era uma vergonha imaginar que as virtuosas mulheres alemãs haviam sido abusadas pelas tropas aliadas - britânicos, argelinos e marroquinos, afro-americanos. Na Oriental, mencionar os estupros da soldadesca soviética significava macular a sagrada imagem da URSS e portanto, do súdito político de Moscou - Partido Socialista Único (SED).

A colonização germânica do leste europeu fora promovido pelo Papado para cristianizar baltas e eslavos, pelos nobres para promover a agricultura e o comércio, ou mesmo pelos Habsburgo para colonizar áreas conquistadas ao Império Otomano. Durante séculos eslavos ocidentais – poloneses, tchecos, eslovacos, conviveram com alemães, húngaros e austríacos. A maioria dos soldados comandado por oficiais russos, era composta por não-russos, camponeses rústicos, operários miseráveis, indignaram-se ao se depararem com o conforto e a riqueza do inimigo. Como, perguntavam-se eles, uma nação tão rica ainda explorara a população eslava, recém saída da Grande Guerra, da Civil, da opressão stalinista e de anos em frentes de batalha? O exército faminto e maltrapilho aproveitou para saquear e massacrar os civis, quebrar ou jogar do alto dos prédios objetos antigos, de luxo, por inveja,

ódio e revanche de despossuídos contra “burgueses”. Cerca de dois milhões de mulheres foram estupradas em massa pela soldadesca, das quais cerca de 240.000 morreram em função desta violência fállica.

Assim, soldadesca soviética também saqueava, principalmente relógios e estupravam moças, mulheres e idosas, freiras e grávidas. Não satisfeitos, ateavam fogo em casas e prédios a ponto desta destruição gratuita prejudicar a moradia dos russos que se mudaram para Kaliningrado, antiga Königsberg, terra natal de Kant. Por outro lado, a permissão para que poloneses, tchecos, sérvios e romenos se apropriassem dos bens alemães, era uma forma de trazê-los para o lado do vencedor russo e portanto, do bolchevismo contra o capitalismo. Por fim, a fama propagada pelos nazistas contra as “hordas orientais” era confirmada pelas dos eslavos barbarizados.

A expulsão de alemães foi não só resultado da truculência da guerra, mas da política totalitária da URSS que defendia a bandeira ideológica: a vitória do comunismo sobre o fascismo com a decorrente da expansão do Império Soviético até o Rio Elba e o Mar Adriático. Para Stalin já bastava lidar com húngaros e eslavos católicos (poloneses, tchecos, eslovacos, croatas) resistentes ao ateísmo bolchevique. Pior seria reprimir alemães que sabiam ser aquele, não um regime igualitário, mas ateuista e ainda mais opressor e totalitário do que o nazismo.

Após 1990 - Antigas memórias, novas histórias



Figura 1:

Mapa aproximado da expulsão e deslocamento de alemães e poloneses entre 1944 e 1948. Em azul escuro, poloneses expulsos da nova Zona Soviética, em claro deslocados para ocupar antiga área alemã como Pomerânia, Prússia Oriental e Ocidental. Os demais vêm dos países vizinhos cujos governos impuseram o comunismo.

No lado ocidental americanos, junto com britânicos, conquistaram via ataques aéreos margem ocidental do Reno com a morte de milhares civis alemães mas também franceses, belgas e prisioneiros de guerra posto que os alvos não eram certos. O bombardeamento eficaz e sistemático foi aperfeiçoado a ponto de atingir a destruição total das cidades alemãs de médio e grande porte, visando a intimidar a população civil contra Hitler. Afinal, o lema de Churchill na guerra total contra a Alemanha era “*the maximum use of fire!*” Até o final da guerra, 158 cidades sofreram intensos bombardeios, sem mencionar Hamburgo e Dresden cujo centro sofreu destruição total em fevereiro de 1945, embora a “Veneza” do Rio Elba não tivesse nada a ser destruído pelo aliados, além de hospitais e dois milhares de refugiados do Leste.

Este deslocamento deixou muitas cidades despovoadas e com a população reduzida em até 10%, pois não havia casas para morar, nem escritórios, oficinas, fábricas, lojas ou consultórios para trabalhar. No final da guerra, a falta de conexões viárias com pontes e estradas de ferro destruídas e poucos ônibus e caminhões para transportar tantos deslocados, também impedia a circulação dos cidadãos. Sem correios, comunicações telefônicas e telegráficas, as famílias não tinham como saber sobre os seus entes queridos receando até mesmo nunca mais encontrá-los.

No lado Oriental, exércitos soviéticos, junto com os aliados ocidentais, combatiam o nazismo na Grande Guerra Patriótica em defesa socialismo real, contra o capitalismo, reconquistando Ucrânia, Bielorrússia, países Bálticos até chegarem às fronteiras polonesas e tchecas, aprisionando militares e massacrando civis. Milhares de oficiais e soldados que haviam sido enviados para batalhas suicidas, foram mortos pelos exércitos inimigos ou faleceram por fome e exaustão com centenas deles aprisionados e mutilados.

No flanco ocidental, britânicos e americanos avançavam na Alemanha, libertando os prisioneiros estrangeiros (ucranianos, espanhóis, franceses, belgas etc) civis ou militares além de judeus dos campos de trabalho. Stalin, Churchill e Truman reuniram-se para deliberar sobre a rendição incondicional da Alemanha, a sua divisão pelos aliados em zonas de ocupação e a expulsão sistemática de todos alemães e austríacos residentes no leste europeu. Stalin reivindicou a região oriental da Polônia e o recuo das fronteiras orientais até o rios Oder e Neisse, apropriando-se inclusive de cidades hanseáticas como Danzig e medievais como Breslau.

Notar que o pan-eslavismo foi um movimento fundado em 1848 tendo o Império Russo como defensor dos povos eslavos contra o Império Habsburgo e reforçado pelo governo tcheco-eslovaco em prol da expulsão dos austríacos alemães na Paz de Paris, 1920. Em 1945, a Áustria seria separada do Reich e, como a Alemanha, dividida e ocupada em zonas administradas pelos aliados: União Soviética, Reino Unido, França e Estados Unidos. Como o Exército Vermelho conquistou Berlim os ditames de Stálin foram cumprido e o antigo Reich eliminado do mapa de modo que:

Nunca na historia moderna um país caíra mais fundo do que a Alemanha em 1945: sua soberania foi extinta, sua infra-estrutura esmagada, sua economia paralisada, suas cidades reduzias a entulhos; além disso, a maioria da população estava faminta e desabrigada, as Forças Armadas desfeitas e os sobreviventes em campos de prisioneiros de guerra; o governo inexistente; e todo o país ocupado por exércitos estrangeiros (BESSEL, 2010, p. 366)

Na Conferência de Potsdam (verão de 1945) evidenciou-se a partilha da Europa Central e o início de outro conflito ideológico, agora entre o bloco capitalista e o comunista. Afinal, a conquista soviética no leste europeu com a vitória sobre Berlim e a ocupação anglo-americana na parte ocidental da cidade revelavam interesses opostos. O Plano Maeshall, o Bloqueio de Berlim e o Comboio Aéreo para abastecer o setor ocidental marcaram o início da Guerra Fria que na Europa culminou com a construção do Muro de Berlim, em 1961. Desde 1950 o conflito americano-soviético estendeu-se sobre a maior parte do globo sob terror de armas nucleares pois os governantes estavam mais: "...preocupados em aumentar o poderio de seu país e o seu próprio poder, e que perceberam que poderiam impor seu poder com maior certeza num mundo de discórdia do que de tranqüilidade." (MEE, s/d p. 9-10)

E como os aliados ocidentais, signatários da Convenção de Genebra, aceitaram a tragédia vivenciada da por milhões de alemães expulsos dos Sudetos, da Pomerânia, da Silésia, da Prússia ocidental e da Prússia Oriental? Gerações que lá moravam há séculos, colonos e fazendeiros, comerciantes e artífices em convívio com tchecos, poloneses e lituanos. Estes civis pagaram pelos desmandos cometidos pelos nazistas principalmente sob a arrogância e brutalidade pelas tropas da SS que por sua vez, tão logo descobertos pelos aliados, eram sumariamente fuzilados (todos tinham a marca da SS tatuada no braço).

Uma população correspondente à da região metropolitana do Rio de Janeiro via-se despojada, desapropriada e expulsa para um país em ruínas, reduzido ao tamanho do Mato Grosso do Sul. Estas pessoas carregavam seus pertences, muitas vezes ainda roubados, à pé,

em carroças, em trens de carga ou navios abarrotados que partiam de portos, sob as piores condições climáticas imagináveis e sujeitos a assaltos, estupros e assassinatos sumários. Mais um drama humano, resultado da violência não só dos atores como da mídia e da historiografia, simplesmente ignorou a sua trajetória, embora os traumas psíquicos tenham sido herdados pelos descendentes.

Aldeias devastadas, cidades incendiadas e populações massacradas pelos soviéticos revelavam um quadro desolador; e no oeste bombardeado pelos aliados, as principais cidades estavam em escombros. A Alemanha tornara-se um grande campo da morte - civis e militares assassinados por tropas inimigas estendiam-se pelas estradas, cadáveres de crianças e de idosos pelo campo, de mulheres sob escombros. Centenas de famílias de alemães do leste sob ameaça da desapropriação, violência e expulsão pelo Exército Vermelho, diante da preferiam a morte pelo suicídio coletivo – seus corpos apodreciam em suas moradias. Aos que não conseguiram ou não quiseram fugir, restava a sobreviver, reconstruir, remover e enterrar os entes queridos.

Nas ruas das cidades bombardeadas, os alemães esbarravam em centenas de cadáveres expostos, queimados, mutilados, que precisavam ser enterrados em valas coletivas. Devido à falta de teto para os milhares que haviam perdido suas casas, era preciso compartilhar as moradias com outras famílias ou morar em *bunkers*, celeiros, antigos campos de concentração, barracas, porões de edificações adaptados apesar de lotados e claustrofóbicos. Caos social, indústrias destruídas, cidades em ruínas, inflação: os alemães estavam frente a uma situação bem pior que após a 1ª. Guerra Mundial – quando as batalhas ocorriam nos fronts e não dentro do país. No entanto os civis desta guerra também sofreram escassez brutal de alimentos e matérias-primas devido ao Bloqueio Naval imposto pelos britânicos no Mar do Norte, o que impedia a chegada de navios aos portos alemães.

Desde 1943 a guerra estava perdida, andarilhos perambulavam à beira das estradas, vasculhavam o lixo à procura de alimentos e roupas; ou colhiam, à noite, sobras de frutas, legumes, tubérculos. Por fim, mesmo o campo foi alvo de ataque americano – dos aviões rasantes, os soldados atiravam sobre lavradores e transeuntes...

Deslocados, expatriados, refugiados do leste



Figura 2:

Evacuação de alemães da Lituânia em outubro de 1944 em fuga do avanço soviético - Notar a bagagem restrita e as carroças deixadas para trás. (WC: Bundesarchiv Bild 183-198-0531-05)

Soldados soviéticos, após anos ininterruptos de combate em condições desumanas, fome, frio, desejos carnais e de vingança contra os alemães fascistas e capitalistas, chegavam com sede de sangue nas aldeias. Por onde passavam, deixavam rastros de violência, estupros, saques, incêndios e destruições sistemáticas. Adultos e crianças eram mortos a pauladas. E muitas das meninas, mulheres e idosas estupradas seguidamente por bandos, morriam em consequência, eram contaminadas por doenças venéreas, engravidavam e até se matavam. Assim, ao final da guerra, iniciou-se uma operação para a retirada de alemães da Prússia com o envio de navios, diversos e grandes barcos de pesca.

Sob neve e frio, os refugiados se dirigiam aos milhares para aos portos carregando o que podiam em suas carroças, carros, bicicletas, ou apenas alguns pertences que pudessem ser levados na mão. No inverno de 1945, os refugiados da Prússia Oriental, percorreram 30 km de baía congelada para embarcar nos navios. Mas superfície cedia sob o peso da travessia contínua de carroças puxada por cavalos exauridos, agravada por bombardeios aéreos dos soviéticos.

Em geral, refugiados das cidades viajavam sozinhos ou com poucas pessoas e se tornavam presas fáceis de bandidos e soldados, tinham malas e trouxas roubadas, até mesmo casacos e botas. Milhares de refugiados sobreviviam de coleta de frutos, raízes e cogumelos e muitos dormindo em barracas improvisadas apesar do clima frio e gélido. Órfãos ou crianças que se perderam dos pais durante a fuga mendigavam e vagavam pelos campos e bosques, tornando-se pequenos selvagens - as *Wolfskinder*. Deixar para tudo para trás equivalia ao fim de vínculos locais e paroquiais, dos relacionamentos, de valores tradicionais, enfim, de referências sociais que dão respaldo na vida diária:

Numa cultura em que a identidade geográfica, de Heimat, fora tão importante, isso foi um profundo choque. Na Alemanha, pessoas passaram a buscar desesperadamente um senso de permanência, raiz, lugar. “Sociedade” e “comunidade” sempre estiveram intimamente ligadas a um senso de permanência e de lugar; agora as descrições contemporâneas com frequência se referiam ao “vazio”, à terra de ninguém, que era a Alemanha logo depois da guerra. Sociedades e comunidades estabelecidas pareciam ter sido obliteradas deixando pessoas desenraizadas cujos desejos, (...) soa um só e o mesmo: “voltar para casa – apesar de, para milhões, a “casa” ter desaparecido (BESSEL, 2010, p. 241).

Os refugiados do leste não paravam de chegar, aos milhares nas arrasadas pelos bombardeios anglo-americanos; em geral se assentavam em aldeias e regiões rurais, na esperança de um dia retornarem para a terra natal. Os aldeões vinham em comboio de cinquenta carroças, sob comando de uma autoridade local que zelava pela ordem e distribuição de comida de sua aldeia itinerante. Muitos, enraizados há séculos naquelas terras, esperavam voltar um dia sem se darem conta da tragédia que se abatera sobre eles, afinal, este movimento representou a maior migração compulsória realizada no menor tempo possível. Cerca de dois milhões morreram ou desapareceram durante a longa e árdua travessia por assassinato, doenças, fome, violência e frio.

As milícias polonesas, por sua vez, escoltaram a expulsão dos alemães que insistiam em não deixar a sua pátria sem se importar de viver como estrangeiros em seu antigo país sob governo comunista, mas até isto lhes foi negado. Eles eram intimados a desocupar casas, lojas e propriedades rurais em poucas horas, só levar vinte quilos de bagagem e rumar para a nova fronteira alemã-austríaca. Na Tchecoslováquia, o novo presidente decidiu resolver o “problema alemão” ordenando a expulsão sistemática de mais três milhões de residentes,

escoltados a pé, debaixo de sol e de chuva, sem abrigo, pouca comida e água, de modo que idosos, doentes e crianças agonizavam e morriam na beira das estradas.

Na Áustria e na Alemanha a moeda perdera o valor, aplicações, poupanças e pensões anuladas, o desemprego era geral, exceto pelo trabalho hercúleo de limpar e reaproveitar milhões de toneladas de escombros para receber o cartão de racionamento. Outros trocavam seus bens para melhorar a dieta rala, aos demais, sem pertences e aos famintos, restava vagar à procura de alimentos, e no desespero, até saquear, furtar e negociar no mercado negro. Assim, bilhetes escritos à mão e afixados em locais públicos propunham diversas trocas; móveis por batatas, cigarros por pão, berços por camas, roupas por sapatos. Café, cigarros, sabonetes eram os bens mais valiosos. Por outro lado, anúncios também pediam informações sobre familiares perdidos durante a guerra e durante a fuga e expulsão de alemães da região ocupada pelos soviéticos.

Portanto, quando milhões de refugiados chegavam nesta terra em ruínas, maltrapilhos, famintos e sujos às zonas de ocupação dos aliados, eram mal recebidos pelos locais. Afinal, se mal havia moradias suficientes para os alemães, o que fazer com os expatriados do leste? Poucos tinham conhecidos ou parentes que os abrigassem, dividiam abarrotados, celeiros, alojamentos dos campos de confinamento e até bunkers, em condições precárias de habitação e higiene. Também foram montados barracões improvisados – as *Nissenhütten* –, com “casinha” externa até a construção de casas e blocos de apartamentos, afinal:

O problema de alimentar, abrigar, vestir e cuidar dos sofridos civis europeus (e de milhões de prisioneiros de guerra das ex-potências do Eixo) foi agravado e aumentado pela escalada sem precedentes da crise dos refugiados. Esse era um componente inaudito na experiência européia. Todas as guerras afetam as vidas das populações civis: destruindo-lhe terras e lares, interferindo no sistema de comunicação, recrutando e matando maridos pais, filhos. Mas na Segunda Guerra Mundial, foi a política do Estado, e não o conflito armado, que causou os maiores danos (JUDT, 2010, p. 36)

Um quarto foi para a Zona de Ocupação Soviética, um terço para a Bizona (Britânica e Americana) e poucos para a Francesa. Cerca de meio milhão, em geral vindos dos Sudetos, emigraram para a Áustria. Em países fascistas como Hungria, Romênia, Croácia, Eslováquia, os alemães foram enviados para campos de trabalho forçado onde muitos morreram por inanição ou doenças. Em 1949, após a formação da Alemanha Ocidental e da Alemanha Oriental, o que aumentou o número de refugiados, um total de quinze milhões. Segundo um dos registros:

	Deslocados	Mortos e desaparecidos	Remanescentes
Leste alemão*	6.944.000	1.225.000	1.101.000
Sudetos **	2.921.000	267.000	250.000
Outros países ***	1.865.000	612.000	1.294.000
Total estimado	11.730.000	2.104.000	2.645.000

(*) Silésia, Prússia Oriental e Ocidental, Pomerânia Oriental (conforme 1937)
(**) Regiões Norte, Sul e Oeste da Tchecoslováquia cuja fronteira foi traçada em 1919
(***) Polônia, Romênia, Hungria, Iugoslávia, Países Bálticos e Memelland

Fonte: www.wikipedia.org/wiki/Vertreibung

Quando prisioneiros de guerra pomeranos, silesianos e prussianos foram liberados sequer tinham para onde voltar uma vez que a terra natal deixara de ser alemã – fora entregue como compensação de danos a soviéticos, tchecos, poloneses. Famintos, sem teto, chegavam a um país que mal tinha como prover os seus, quanto mais os alemães do leste, meio eslavos... Eram mal recebidos, vistos com desconfiança, preconceito e que agravavam a situação precária, de miséria, fome e falta de trabalho e moradia dos alemães sob domínio soviético ou aliado. Alguns mudaram de nome, de origem e até de estado civil – a bigamia tornou-se comum, uma maneira de conseguir um teto, livrar-se do primeiro casamento, enfim, começar outra vida.

Outros, cujo aprendizado ou estudos universitários haviam sido interrompidos por causa do recrutamento, mas aprendido técnicas e enfermagem durante a guerra, declararam-se mecânicos, médicos, eletricitas. Aqueles que eram bons em oratória, haviam tido uma boa formação religiosa e sabiam escutar as mazelas alheias, assumiram cargos eclesiásticos, enquanto outros tantos alegavam ascendência nobre! Em meio a escombros só havia uma coisa a fazer: trabalhar, sobreviver e reconstruir a partir do que restara. Como seu potencial industrial sofrera menos destruição dos bombardeios, gradualmente, a produção foi sendo posta em andamento.

Alemanha oriental, palco da Guerra Fria



Figura 3:

Refugiados do leste aguardam em Berlim de onde seguirão para o interior do país já que a capital encontrava-se em ruínas e sem condições nem para os seus habitantes. (WC:Bundesarchiv: Bild 175-13223)

Militares e civis ansiavam pelo término da guerra que os libertaria dos contínuos bombardeios britânicos e americanos, pondo fim ao recrutamento militar e ao envio para missões e batalhas suicidas. Mas isso não representou a paz para a população civil que, exaurida e faminta, temia a vida sob ocupação estrangeira. Esse marco histórico também representou o início – chamado de Hora Zero - *Stunde Null* de um povo oprimido em um país arruinado e sem perspectivas. Muitos previam que os alemães jamais conseguiriam refazer suas vidas, pois a economia e a ordem social levariam décadas para se recompor. Ninguém imaginaria que, em menos de uma geração a Alemanha teria dois Estados os quais se destacariam em seus respectivos blocos: o ocidental, parlamentar capitalista e o soviético, unipartidário e comunista.

Após o fim da guerra, os vencedores convenciam os vencidos das atrocidades cometidas pelo regime, como se os civis e militares alemães também não tivessem sofrido sob o hitlerismo, assim como a desnazificação de seu povo. As sentenças do Tribunal de Nuremberg foram transmitidas por rádio e jornais como lição pedagógica enquanto dois terços do mundo carecia de direitos fundamentais. Os aliados doutrinaram valores ocidentais como liberdade e igualdade, instituídos na Declaração dos Direitos Universais de 1948. No lado soviético, o nazismo era considerado vertente extrema do sistema capitalista e o seu pior inimigo. Comunistas perseguidos pelo nazi-fascismo haviam emigrado para

Moscou e voltaram devidamente instruídos para impor o bolchevismo na Alemanha Oriental e nos demais países satélites.

No cotidiano pós-guerra, mulheres, crianças, deficientes físicos, idosos, cada qual ao seu modo, procurava sobreviver com mutirões e redes de ajuda mútua. Deram valor às pequenas coisas, a ter responsabilidade, a cooperar e a não descansar, ocupadas em cultivar hortas e pomares em quintais e jardins, remendar meias e trapos, além de reaproveitar tudo que lhes viesse pela frente. Latas de conserva viravam canecas, colheres, conchas; capacetes adaptados para servir de panelas; antigas máscaras de gás, em candeeiros a querosene. Daí a mania da geração de guerra – a maioria já falecida – de guardar cacarecos que poderiam servir para alguma coisa no futuro. Os alemães orientais, apesar de saqueados e despojados das indústrias, desmontadas e transferidas para a URSS, dispunham de áreas rurais que não foram tão destruídas, onde continuaram a cultivar a terra e de onde retiravam parte dos alimentos.

Por outro lado, equipes de cientistas alemães que estavam em projetos dos foguetes V1 e V2 e na pesquisa nuclear foram disputados por soviéticos e americanos, numa caça por mentes brilhantes para desenvolver a bomba atômica lançada sobre o Japão. Os soviéticos lhes prometeram ficar na Alemanha e assim muitos preferiam não se entregar para os aliados ocidentais pois teriam de deixar o país. Mas Stalin quebrou o acordo e mandou levar os cientistas e suas famílias para uma região isolada, onde ficaram cercados e vigiados. Em 1950, a URSS é que lançava o primeiro satélite no espaço, o Sputnik. Após servirem aos objetivos de Stálin, os cientistas retornaram para a Alemanha Oriental que se transformava em um grande confinamento.

Quando a Alemanha Oriental reconheceu oficialmente a fronteira dos rios Oder/Neisse muitos refugiados ainda tinham a esperança de retornar para o leste, mal sabiam eles que além de não mais retornar, sequer poderiam visitar sua *Heimat*, até a reunificação em 1990. Muitos, inconformados com o seu destino, preferiram ser estrangeiros em países bem longe da Europa, rumo às Américas e à Oceania. Tão logo puderam, via amigos e parentes no exterior, com ou sem contrato de trabalho, emigraram para longe, sufocando lembranças tristes e muito dolorosas. Lá fora, alguns renegaram a cidadania alemã, optando pela naturalização; no caso das mulheres, quando se casavam, assumiam a identidade do marido. Muitos nunca mais voltaram para a antiga pátria, outros retornaram uma só vez, outros ainda reataram laços com parentes e amigos, caso ainda existissem. Outros até enviaram seus filhos para estudar na Alemanha – em geral cursos técnicos com vistas a trabalhar lá.

Berlim, que havia sido capital da Prússia, passou a ser do Império Alemão e foi tomada por interesses alemães, depois nazistas cujo chanceler era austríaco e sua equipe, em geral, católicos do sudoeste alemão.... Após a 2ª. Guerra Mundial, as fronteiras a leste da Polônia ficaram para a URSS mas a do oeste estendidas até os Rio Oder e Neisse. Nas Zona de Ocupação Soviética os recursos minerais e agrícolas eram explorados para alimentar o socialismo real e as indústrias dessa desmontadas e transferidas para a União Soviética. A Prússia, formada por baltas germanizados e que receberam huguenotes, judeus e protestantes perseguidos pelos católicos, desde o fim da Grande Guerra perdera com sucessivas perdas territoriais.

O militarismo prussiano foi culpado pelo belicismo alemão, embora também tenha atentado contra o Führer, além de seu povo ser desprezados como aqueles que vinham de terras “além do Rio Elba”. O primeiro ministro britânico Churchill exigira e o Chanceler alemão Adenauer apoiou a extinção oficial desta região do mapa europeu, despojada e dividida entre poloneses e russos. Assim, milhares de prussianos viram-se desapropriados, empobrecidos, rechaçados como “impostores” em um país onde havia falta de tudo - alimentos, vestuário e moradia e trabalho. A maioria emigrou para Schleswig-Holstein pois chegavam pelo Mar Báltico ao porto de Kiel e outro tanto para Mecklemburgo. Em novas terras, mantiveram a tradição, a cultura, de modo a fundaram associações de ajuda mútua, socioculturais para fomentarem usos e costumes como festas, cantos, culinária típica.

Nos primeiros anos após imigrarem para a sua nova “pátria” milhares morreram de inanição e doenças infecciosas, pois moravam em condições precárias. Além do mais, tinham de sobreviver só com o cartão de racionamento, pois, ao contrário dos locais, não tinham nada para trocar no mercado negro. Trabalho também era escasso e mal pago, além da humilhação de ex-patrões viraram empregados nas fazendas, artífices sujeitavam-se a ganhar menos do que os nativos, enquanto comerciantes nem tinham vez.

Os pomeranos eram menos mal vistos, mais próximos à cultura nórdica e protestante sendo que muitos deles emigraram para Mecklemburgo, na antiga República Democrática Alemã, cuja paisagem era similar a de sua terra. Os alemães católicos dos sudetos e da Silésia, milhares da antiga cidade medieval de Breslau rumaram para o sul da Alemanha. A questão dos dialetos também os discriminava, os cidadãos de Breslau, mais cultos e livres tinham de conviver com a gente provinciana e rústica dos campos bávaros... Também eram

considerados por demais extrovertidos, bem falantes e alegres, apesar de sua condição marginal, o que incomodava a população local, desconfiada e antipática.

Em 1945, a população que da Prússia oriental que não conseguira fugir fora dizimada pelos bombardeios dos americanos e depois massacrados pelas tropas soviéticas. Três anos depois, sobreviventes foram intimados a deixar de ver Königsberg, desde então, Kalingrado. Juntaram-se aos demais deslocados e tão logo puderam, associaram-se para promover a vida social, cultural, econômica e política com um partido, memoriais, museus e centros de estudos do leste. Gradativamente, após a fundação da República Federal da Alemanha, em 1949, esta mão-de-obra eficiente e barata tornou-se fundamental para o crescimento da economia alemã. E, apesar da extinção da Prússia e de seu passado histórico, os prussianos continuavam atuantes, reuniram-se e instituíram a Fundação pela Cultura Prussiana na década de 1950, responsável, dentre outros, pela Universidade Humboldt e pela reorganização do maior centro museológico do mundo: a Ilha dos Museus, ambos em Berlim, atual capital da Alemanha reunificada.

Referências

- BESSEL, Richard. Alemanha, 1945. Companhia das Letras, 2010.
- BOESELAGER, Phillip von. Operação Valquíria. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CORNWELL, John. Os cientistas de Hitler. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DUPEUX, Louis. Historia Cultural da Alemanha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- FERRO, Marc. Historia das colonizações. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FRIEDRICH, Jörg. Brandstätten. Der Anblick des Bombenkriegs. München: Propyläen Verlag, 2002.
- _____. O Incêndio: como os aliados destruíram as cidades alemãs (1940-1945). Rio de Janeiro: Record, 2006.
- GEISS, Imanuel. Die Deutsche Frage 1806-1990. Mannheim: B.I. Taschenburchverlag
- HAFFNER, Sebastian. Preussen ohne Legende. Hamburg: Verlag Gruner, s/d.

JUDT, Tony. Pós-Guerra. Uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva: 2008.

KOSSERT, Andreas. Kalte Heimat. Die Geschichte der deutschen Vertriebenen nach 1945. München: Siedler Verlag, 2008.

KAMINSKY, Annette. Heimkehr 1948. Geschichte und Schicksale deutscher Kriegsgefangener. München: Beck, 1998.

MACDONOGH, Giles. After the Reich. USA: Basic Books, 2007.

MAZOWER, Marc. Continente Sombrio. A Europa no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MEE, Charles L. Jr. O encontro de Potsdam. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. s

VIZENTINI, Paulo. As Guerras Mundiais (1914-1945) O desafio Germano-Japonês à ordem Anglo-Americana. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.